UM PAPO SOBRE ZYGMUNT BAUMAN: FILÓSOFO SOCIAL DO DIÁLOGO COMO ACONTECIMENTO ENTRE DIFERENTES E DA EDUCAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE

A CONVERSATION ABOUT ZYGMUNT BAUMAN: SOCIAL PHILOSOPHER OF DIALOGUE AS AN ENCOUNTER AMONG DIFFERENCES AND EDUCATION FOR SOLIDARITY

UN DIÁLOGO SOBRE ZYGMUNT BAUMAN: FILÓSOFO SOCIAL DEL DIÁLOGO COMO ENCUENTRO ENTRE DIFERENCIAS Y DE LA EDUCACIÓN PARA LA SOLIDARIDAD

Claudionei Vicente Cassol[1]

RESUMO
O presente ensaio, *Um papo sobre Bauman*, tem o objetivo de apresentar tematizações possíveis a partir da construção teórica do filósofo social, Zygmunt Bauman, desde a amplitude de possibilidades de análises, de pensamentos e de compreensões. A construção teórica de Bauman parece indicar a diversidade e a pluralidade como propriedades da condição humana e apontar a atitude dialógica como possibilidade instituinte do mundo compartilhado. A existência de um paradigma ambivalente orienta e constitui a metodologia do presente texto, uma vez que os sentidos e a linguagem, em suas contingências, colocam o diálogo entre diferentes como elemento central para a construção de consensos democráticos e republicanos. Essa perspectiva também ilumina o amplo horizonte teórico de Bauman, pelas vias de uma hermenêutica pluralizadora ou sociológica, forjada na dialogia entre a hermenêutica e a dialética. A ambivalência/plurivalência pode viabilizar um mundo compartilhado, mesmo que centrado no indivíduo, aberto à educação para o diálogo e à solidariedade.
PALAVRAS-CHAVE: ambivalência; diálogo; educação; solidariedade; Zygmunt Bauman.

ABSTRACT
This essay, *A Conversation About Bauman*, aims to present themes based on the theoretical work of the social philosopher Zygmunt Bauman, drawing on a broad range of possibilities for analysis, thought, and understanding. Bauman's theoretical perspective points to diversity and plurality as fundamental dimensions of the human condition and emphasizes a dialogical attitude as a constitutive possibility of a shared world. The existence of an ambivalent paradigm guides and underpins the methodology of this text, as far as meanings and language, in their contingent nature, place dialogue among differences at the center of the construction of democratic and republican consensus. It also sheds light on Bauman's broad theoretical horizon through pluralizing or sociological hermeneutics, forged through a dialogue between hermeneutics and dialectics. Ambivalence/plurivalence can make possible a shared world that, while centered on the individual, remains open to an education grounded in dialogue and solidarity.
KEYWORDS: ambivalence; dialogue; education; solidarity; Zygmunt Bauman.

RESUMEN
El presente ensayo, *Un diálogo sobre Bauman*, tiene como objetivo presentar posibles tematizaciones a partir de la construcción teórica del filósofo social Zygmunt Bauman, desde una amplitud de posibilidades de análisis, pensamiento y comprensión. La construcción teórica de Bauman parece indicar la diversidad y la pluralidad como propiedades de la condición humana, así como sustentar una actitud dialógica como posibilidad constitutiva del mundo compartido. La existencia de un paradigma ambivalente orienta y constituye la metodología del presente texto, puesto que los sentidos y el lenguaje, en sus contingencias, sitúan el diálogo entre diferentes como elemento central para la construcción de consensos democráticos y republicanos. Asimismo, dicho paradigma permite iluminar el amplio horizonte teórico de Bauman a través de una hermenéutica pluralizadora o sociológica, forjada en la relación dialógica entre hermenéutica y dialéctica. La

[1] Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7837-887X.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

ambivalencia/plurivalencia puede posibilitar un mundo compartido que, aun centrado en el individuo, permanezca abierto a una educación para el diálogo y la solidaridad.
PALABRAS CLAVE: ambivalencia; diálogo; educación; solidaridad; Zygmunt Bauman.

INTRODUÇÃO

A sociedade na qual vivemos ou o mundo compartilhado, como compreende Zygmunt Bauman, direciona suas iniciativas para o individualismo e fomenta, na onda da primavera das subjetividades, um isolamento caracterizado pelo distanciamento entre os indivíduos e inconsequências das ações que, irrefletidas, tendem a desconsiderar elementos fundamentais do mundo no qual se desenvolvem. A sociedade/a comunidade que serve de base para as reflexões de Bauman, esta que se efetiva como resultado de decisões humanas, é plural e, assim como os indivíduos que a compõem, parece também se assumir múltipla, distinta, diferente e, por vezes, divergente. Bauman, pensador sociólogo, debate essas temáticas sob óticas ampliadas e promove, com sua hermenêutica pluralizadora, uma metodologia ímpar na caminhada da humanidade, na sua continuidade, manutenção e aprimoramento: a necessidade do diálogo.

Compreendemos que, para Bauman, o diálogo se estabelece como fonte de compreensão, de aproximação entre os indivíduos e se institui como condição de possibilidade da continuidade das relações, da existência humana e da vida, sobre o planeta (Cassol, 2022). Para Bauman, o diálogo não é ação de convencimento do outro/da outra às ideias e compreensões únicas do/da agente emissor/de quem fala, mas a viabilidade de compreensões de sentidos e estabelecimento de possibilidades, de ações e mesmo de atitudes conjuntas, visando assegurar ou viabilizar posições/situações que permitam, ao mesmo tempo, manter as diferenças, permitir as vivências e experiências individuais e pessoais, as manifestações das subjetividades e os arranjos necessários para a vida compartilhada ou subsistência no mundo compartilhado (Cassol; Pithan da Silva, 2019; Cassol, 2020, 2022).

As coisas, as ações e os sentidos, as vivências e as experiências, não estão dados de modo definitivo, mas ocorrem/se desenvolvem a partir de uma série de fatores, que sejam, de ordem pessoal, sistêmica, individual e coletiva, por decisões – interiores – ou pressões, coação, coerção – exteriores. Então, mesmas coisas, ações e sentidos, podem ter repercussões diversas, variadas e múltiplas, como parece ser das suas naturezas. Deste modo, discordar não é problema para a pluralidade de Bauman e para a amplitude de sua teoria, antes, é elemento

central da ambivalência e constituinte de um paradigma da ambivalência, de um modo de compreender que é possibilidade a partir da pluralidade, divergência, conflito e diversidade que compõe o mundo compartilhado. O ato de discordar revela a compreensão do olhar do outro/da outra e precisa, por isso, ser considerado. Ele envolve a complexidade de elementos como a maturidade intelectual, científica, sentimental, individual, capacidade de compreensão e elaboração de argumentos, exige postura, coerência e supõe, desde o princípio, a capacidade do diálogo.

Então, o discordar já é um passo no sentido da superação da violência, porque envolve, essencialmente, o diálogo (Cassol, 2020, 2022). A divergência, sinônimo da discordância, é inteligente, é sabedoria, porque supõe estudar argumentos, considerar ideias e conceitos daquilo que se denomina oposição/divergência, para poder/ter condições de estabelecer o enfrentamento e enfrentar o conflito. A divergência é de ideias e exclui a violência, embora considere como natural – próprio – o tensionamento. Sempre as situações se desenvolvem, aprofundam-se e se ampliam, há ideias, mediações, compreensões e um provocar relações; as relações que se processam em níveis elevados, profundos, amplos, desenvolvem possibilidades de divergências, mas nem por isso, são relações de violência, de guerras e de processos que desumanizam.

O modo de pensar ambivalente que aprendemos de Zygmunt Bauman viabiliza o pensar criativo, inovador, ampliado, porque não indica verdades, não aponta dogmas; sugere o diálogo, o indica e, talvez, até o exija. O diálogo, na compreensão de Cassol (2020, 2022) transcende o sentido minimalista com o qual tem sido compreendido e efetivado na sociedade racionalista/instrumentalista. Este diálogo que Bauman compreende como autêntico, sugere a necessidade de assumir a coragem do autodiálogo e enfrentar os conflitos, as divergências, as diferenças com o outro/a outra, com o coletivo e com as instituições. Diálogo, nesta hermenêutica ambivalente, é pluralidade e constante tensionamento, desde uma espécie de autodiálogo ou diálogo com o/os outro/s "eu/s", em tensionamento na dimensão dos diálogos internos, até os horizontes exteriores, das dialogicidades com os/as diferentes, das intersubjetividades. Indicamos, deste modo, que preferimos o uso do plural em vez do singular, porque significa mais a nossa compreensão, mas não estamos excluindo ou ignorando a existência e, de certo modo, a prevalência e autonomia do "eu". A subjetividade, em nossa compreensão, assim como a vemos em Bauman, é forte e originária inclusive do movimento dialógico, tanto no sentido da busca, do movimento de acolhida e enfrentamento,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

quanto do movimento de retorno e, então, de reflexão e arranjo ou rearranjo das compreensões e atitudes.

Assim, ao longo do texto, quando não referenciarmos, como fizemos neste parágrafo, o singular individual, o eu, já o estamos subentendendo porque é o indivíduo, em uma linguagem social; o cidadão, em chave crítico-social e/ou dialética; o "eu", em uma compreensão psicanalítica e, podemos dizer, a subjetividade, em uma linguagem e metodologia hermenêutica, justamente da qual partimos para nossa reflexão. Pensamos que, deste modo, nos mantemos coerentes com o pensamento de Zygmunt Bauman e ensaiamos a partir da sua teoria pluralizadora.

Apresentados os conceitos centrais deste ensaio, indicamos seu objetivo, o de trazer Bauman para um debate novo e inseri-lo no contexto das possibilidades de manutenção, conservação e defesa da vida, como nos tem ensinado Enrique Dussel (2002). Não temos a intenção de colocar em diálogo pensadores e teorias – o que, eventualmente, ao longo do texto pode ocorrer – mas apresentar Zygmunt Bauman como um pensador referência – tanto na teoria quanto na prática/sistemática de desenvolvimento de sua teoria – como um sociólogo que incorpora a diferença como natural – como propriedade – entre os indivíduos, tanto na dimensão do real/concreto, quanto do simbólico. Com isso, funda o diálogo autêntico (Bauman, 2011b, 2016) como ocorrência entre diferentes, e fornece as bases para o que estamos denominando paradigma da ambivalência, como refere Claudionei Cassol (2020, 2022). Este paradigma ambivalente se constitui na hermenêutica pluralizadora e, por isso, não descarta, por princípio, a dialética, desenvolve-se na relação dialógica, assume a diferença como constituinte do mundo compartilhado e incorpora a solidariedade como elemento com potencialidade de assegurar o movimento do pêndulo entre a segurança e a liberdade.

Zygmunt Bauman, filósofo social preocupado com as questões da dignidade humana, parece estar situado, ainda, às margens dos debates acadêmicos e, por vezes, incompreendido em suas propostas e em seus movimentos teóricos. Procuramos, em metodologia hermenêutica pluralizadora, manter-nos fiéis tanto a seus conceitos – daí a parte do "com" Bauman – quanto "a partir" das suas provocações e da interpretação que fizemos de seu percurso teórico, identificarmos elementos fundamentais que nos permitem, como dissemos, ver um desenho de novo paradigma operando em bases ambivalentes e metodologia pluralizadora, portanto, hermenêutica, sem afastar o diálogo com a dialética, como aprendemos de Ernildo Stein (1983).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

Estruturamos este ensaio de apresentação de Zygmunt Bauman, como um sociólogo-filósofo ou, como temos compreendido, filósofo social, em quatro momentos: o primeiro desenvolve a ideia de paradigma da ambivalência e se concentra em demonstrar a fortaleza deste sistema sociofilosófico no constructo teórico de Bauman; o segundo, a partir de Bauman e da visualização de um paradigma ambivalente, desenvolver possibilidades de compreensões e reflexões no concreto da existência e na dimensão do simbólico; o terceiro momento apresenta, especificamente, a educação, a solidariedade e o diálogo, como centralidades ensaísticas colhidas do pensamento baumaniano, e, o quarto momento, para não concluir alonga a tematização, amplia e marca viabilidades plurais a partir da existência da ambivalência (Cassol; Pithan da Silva, 2019; Cassol, 2020, 2022). Pelo viés da metodologia hermenêutica, destacam-se algumas obras que nos parecem centrais, vinculando o modo teórico de ser, de se desenvolver teoricamente e de pensar deste pensador polaco, como possibilidade de fundar e operar no diálogo com o diferente. Nos inspira, deste modo, ao movimento de gênese do paradigma da ambivalência com o amparo metodológico da hermenêutica pluralizadora.

BAUMAN: AMBIVALÊNCIA TEÓRICA, SISTEMÁTICA E PRÁTICA

Assumimos a tese da ambivalência a partir de Bauman e a apresentamos como possível paradigma da ambivalência com suas fontes plurais de referências teóricas que, em nossa compreensão, ganham corpo pelo pensamento e metodologia da pluralidade ou, como ele próprio denomina, primeiramente, hermenêutica sociológica e, posteriormente, pluralizadora. Bauman, nesse sentido, apropria-se criticamente de porções teóricas liberais e socialistas, habermasianas, gramscianas, marxianas e, sem preconceitos científicos ou exclusões, incorpora noções, lições e compreensões de Mary Douglas e Michel Crozier. A amplitude da gênese de seu pensamento, das influências recebidas, não são filtradas com a lógica instrumentalista e excludente de pensamentos, teses, teorias, ciência e princípios que o servem, o justificam e o acomodam ou indicam explicações apressadas, simples e suficientes; as fontes plurais que estimulam sua construção teórica alimentam a consciência (Rousseau, 2004) da ambivalência da condição humana (Almeida; Gomes; Bracht, 2009) no mundo compartilhado/mundo da vida, da qual é possível a solidariedade e a educação; a existência e ciência, o concreto/real e o simbólico, a ação e a compreensão/o pensamento.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

Pensar, “com” e “a partir” do contemporâneo Bauman, a temática central da sua teoria e vinculá-la com a solidariedade no atual contexto da modernidade líquida, da relativização do mundo das certezas e da volatilização das forças hegemônicas instituídas pelo mercado consumista/capitalista/burguês, compreender esta realidade e suas implicações históricas, agir e sobreviver nela parece exigir o diálogo como elemento de destaque. O diálogo como gestualidade de potencial solidariedade (Cassol, 2020, 2022), é sugestão para as ações e instituições humanas, compondo como necessidade, as dimensões da educação – como objeto de ensino e uso cotidiano – formais/institucionais e informais/não-formais (Savater, 2005) no mundo contemporâneo, o mundo que atualmente compartilhamos.

Nesta compreensão, o pensamento de Bauman opera na ambivalência e, desse lugar, tem potencial para instituir uma possibilidade paradigmática, como via de crítica à lógica do pensamento uniforme, linear, da solução formalizada/petrificada e, por isso, superficial, simplificada. Cria, neste horizonte de pensamento, caminhos para o paradigma da ambivalência e, dele, por exemplo, compreender a educação como necessidade de ensinar a nova dinâmica, os novos movimentos para os indivíduos: compreender que o conviver, a volatilidade, a brevidade dos laços e a superficialidade das relações embaladas pelo consumo, pela lógica do mercado, estão presentes na sociedade e são ações individuais dos tempos presentes, talvez, motivadas por fatores, forças e poderes externos ao indivíduo, mas que precisam ser vistos, pensados, conhecidos e enfrentados. Mas tudo isso somente ocorre a partir da capacidade de ver que estas relações/situações, condições e possibilidades, existem, estão postas.

A metodologia hermenêutica pluralizadora faz a crítica aos métodos puramente positivistas, racionalistas e instrumentalizadores, e nos permite o diálogo com o diferente, com outras tradições de pensamento. Em paralelo, a dialética se apresenta como força para tematizar o percurso teórico de Zygmunt Bauman e nesta amplitude é possível investigar o trânsito pela ambivalência como uma espécie de tensionamento, de conteúdo, de possibilidade ampla, dialógica/dialética e, também, complexa e paradoxal com existência nas coisas, nas relações e na linguagem. Ambivalência é sentido plural e possibilidade da pluralidade no diálogo: a multiplicidade de vozes/compreensões no esforço potencializado do consenso, da compreensão da diferença.

Por uma Sociologia Crítica (1977) *e Legisladores e Intérpretes* (2010) desenham a trajetória de pensamento baumaniano, como *Ensaios sobre o conceito de cultura* (2012),

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

Modernidade e Ambivalência (1999) e *O mal-estar da pós-modernidade* (1977) e dimensionam a amplitude com que Bauman encontra e opera com suas fontes. Adotamos algumas suspeitas em nosso estudo, motivados pela compreensão de que tanto o sólido, quanto o líquido, na teoria de Bauman, assim como a compreensão de sociedade de construtores e sociedade de consumidores – e outras metáforas como turista e vagabundo, legisladores e intérpretes, destino e caráter, jardineiro e caçador, identidade e diferença, são expressões que Bauman utiliza para, ao longo de seu pensamento, delinear a ambivalência da vida, do concreto/do real, dos discursos, dos sentidos, da existência, das compreensões e dos conceitos.

A teorização baumaniana ampara, em nossa hipótese, a pluralidade das vias/das possibilidades de uma sociedade/comunidade e das próprias subjetividades/individualidades no seu caminhar e pensar, no seu instituir e sentir cotidianos. Bauman, em nossa compreensão, utiliza o conceito de "comunidade humana" para significar uma concepção de comunidade que parece atravessar o conjunto de sua obra, mas que se evidencia especialmente em *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2003). Para Bauman, a comunidade constitui um coletivo plural, não padronizado étnica ou culturalmente; trata-se de uma pluralidade, de um conjunto de indivíduos conscientes da multiplicidade, das diversidades, dos conflitos e dos paradoxos e, igualmente, das identidades e subjetividades constitutivas dos coletivos. A comunidade humana implica o reconhecimento das diferenças e das individualidades, distinguindo-se, portanto, do comunitarismo, conceito que Bauman critica. Cremos que Bauman desenvolve essa compreensão em oposição às perspectivas centralistas, homogeneizadoras e sintéticas de identidade, ao etnocentrismo e à concepção do Estado-jardineiro, os quais resultaram em totalitarismos e na supressão dos estranhos. A compreensão baumaniana de comunidade, embora assuma o debate proposto por Dürkheim e por Weber, parece transcendê-los, pois, não assume uma divisão estrita como aparece em *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*.

Ao tematizar a perspectiva teórica baumaniana, tem acontecido que as pesquisas se limitam a ver apenas o sólido e o líquido, o moderno e o pós-moderno na construção do autor. Esses escritos parecem reduzir o pensamento do sociólogo semita-polonês/inglês a apenas uma das manifestações de seu plural sistema sociofilosófico (Vattimo, 2017). O que, de modo algum, quer significar incompreensões, inconsistências ou deméritos de quem escreve sob

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

este viés. Compreendemos que muitos dos escritos acerca de Bauman se concentram nestas suas ricas metáforas e/ou antíteses, o que não pode ser considerado pouco; antes, o contrário.

Contudo, parecem debater a partir dos produtos da construção teórica baumaniana, pois, em nossa compreensão, as antíteses, os paradoxos, as aporias e as metáforas presentes em sua obra decorrem da condição paradigmática que a ambivalência assume no pensamento de Zygmunt Bauman. Embora emblemática, a questão da liquidez em Bauman, mesmo constituindo uma expressão de seu pensamento plural e profundo, não pode ser tomada como sua única chave interpretativa, pois reduzi-lo à liquidez significaria circunscrever sua obra a um minimalismo teórico. Bauman tem sido citado no campo das artes, especialmente a partir de uma perspectiva crítica que denuncia a dominação de poucos sobre muitos. Na literatura e, de modo mais amplo, nas artes, a perspectiva teórica baumaniana oferece lastro aos debates sobre as migrações, bem como sobre a liberdade de poucos como forma de dominação e sobre a consequente impossibilidade de liberdade para tantos outros.

O pensar sociológico de Bauman rende iluminações que transcendem a liquidez e solidez e se ocupam das questões sociais, especificamente, quanto aos *outcasts*/os fora dos padrões, os renegados, os estranhos. No lastro das tematizações baumanianas, vertentes teóricas se dirigem a críticas à flexibilização/volatilização da modernidade e, por outro lado, há quem, igualmente, desenvolva críticas acerca das ruínas da história. O pensamento de Zygmunt Bauman se constitui âncora teórica para análises desde a área do Direito/Ciência Jurídica, envolvendo a questão da paternidade/amor/liquidez, problematizações das questões sociais e políticas, da governabilidade, da juventude e do mundo do trabalho – como a tematização da flexibilização das leis trabalhistas, da problemática da juventude e saúde e dos processos de identidade do sujeito/subjetivação. Parcela considerável de estudiosos de Bauman segue sua trilha teórica enveredando pelas discussões acerca do "risco" e da "incerteza". Mas o grande debate, no entorno do pensamento da filosofia social de Bauman, aponta para as questões da condição humana (Almeida; Gomes; Bracht, 2009), acentuando-se, recentemente, a questão dos imigrantes.

Fortes debates, na esteira teórica de Bauman, também tematizam a sociedade de consumo e possibilidade da criatividade. No entanto, as referências ao termo ambivalência, centralidade, em nossa compreensão, no pensamento baumaniano, têm sido dirigidas para um sentido negativo como o de deturpar/prejudicar, provocar nebulosidades nas compreensões, nas ações, nas teorias, nas condutas e pensamentos. Poucos pensadores, como Bauman,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

apontam para a ambivalência como a pluralidade de possibilidades e como aspecto da condição humana, do pensamento, da ciência, tanto no simbólico quanto no concreto da existência/da vida. As referências a esta terminologia baumaniana, apresentam, em alguns momentos, um sentido negativo, como aquele compreendido na passagem: "tratava-se de denunciar as contradições e ambivalências da razão moderna [...]" (Pithan da Silva, 2017b, p. 06), o que nos remete à ideia de ambivalência como um problema, uma situação a ser superada porque é prejudicial. Cremos, em outro contexto, que o termo ambivalência expressa a condição de nebulosidade/de não clareza/de opacidade e perturbação da compreensão/da lógica/da verdade, como na "noção de mundo ordenada que pretendia planificar e controlar o mundo suprimindo a diferença e a ambivalência" (Dürks; Pithan da Silva, 2014, p. 36), passagem que parece assumir sentidos de composição da realidade humana, da própria condição humana como contingente, indefinida e, deste modo, em construção.

POSSIBILIDADES E REFLEXIVIDADES A PARTIR DO BAUMAN DA AMBIVALÊNCIA/PLURIVALÊNCIA

As reflexões que buscamos desenvolver neste diálogo sobre Bauman apresentam questionamentos e tonalidades mais desafiadores do que indicativos de caminhos tranquilos. A partir da condição paradigmática da ambivalência e da potência com que ela institui as sociedades e os indivíduos, buscamos viabilizar problematizações e diálogos que envolvem, ao gosto de Bauman, a educação, a solidariedade, a condição humana no mundo compartilhado, a identidade, a comunidade, a segurança e a liberdade. Cremos que é no mar revolto da liquidez moderna e na intranquilidade sólida da segurança terrena que as ações acontecem e os sentidos se fazem necessários. Isso nos leva a pensar que a flexibilização do mundo do trabalho, da educação e dos valores, bem como a volatilização das relações, não constitui, necessariamente, vias instituintes da multiplicidade de vozes e das manifestações das subjetividades, mas podem produzir pensamento único, simplificação das vozes, redução das plurivocalidades e anátemas. Se as subjetividades ainda não se fazem ouvir, é preciso, de alguma forma, dar voz aos seus sussurros e minimizar ou relativizar os ecos de sempre.

Os elementos residuais baumanianos indicam condições de possibilidades para pensar a condição humana, a educação, a solidariedade, a diferença e a identidade, entre outros pontos fortes de Bauman, pelo viés de um paradigma ambivalente. Pensamos, desse modo,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

que a crise civilizacional enfrentada nesse momento no mundo que compartilhamos – o mal-estar da pós-modernidade – decorre de um processo sócio-histórico que pode ter sido despertado pela consciência da ambivalência; dito de outro modo, Bauman, com sua tematização acerca do momento presente, alerta-nos para as ambiguidades, as complexidades e as pluralidades da realidade. A ambivalência em sua amplitude de sentidos, não foi tematizada com suficiência pelas teorias ou pensamentos anteriores, especificamente nos tempos da modernidade sólida. A ambivalência é a compreensão do sujeito da realidade da multiplicidade, na perspectiva do próprio sujeito que principia a ampliação do foco/*zoom out* de problematização, dos vários sentidos, da pluralidade da realidade e dos sentidos que decorrem das relações entre os indivíduos. Então, as compreensões se pluralizam e se validam, também, à medida das governanças grupais, individuais e da dimensão das políticas da vida.

A hermenêutica pluralizadora e a metodologia crítico-dialética, no contexto desta reflexão, permitem-nos pensar que as coisas não são boas ou más em si mesmas, mas se estabelecem a partir dos usos, dos sentidos, das compreensões e das interpretações que os indivíduos delas fazem. Essas lições nos sugerem que a realidade não pode ser dividida maniqueisticamente em apenas duas condições — uma boa e outra má. A realidade e o imaginário não são dualistas, mas ambivalentes e, ousamos dizer, plurivalentes, por se aproximarem mais das compreensões baumanianas. Desse modo, os caminhos, as alternativas e as vias se tornam possíveis, mas não necessariamente únicos, imprescindíveis ou irrefutáveis a priori. Aprendemos isso com Bauman (2011a, p. 113), ao escrever: “O que dissermos, não importa o quê, será contestado, e tanto o que dissermos quanto as refutações terão com muita frequência suas boas razões”. O paradigma da ambivalência não pretende identificar uma verdade, tampouco apontar o correto ou estabelecer um único caminho; antes, reconhece o real e o imaginário como possibilidades simultaneamente contingentes em suas proposições. Talvez seja nesse sentido que o filósofo Agostinho de Hipona (2024, livro X, cap. 23) compreenda a questão da verdade, ao afirmar: “As pessoas costumam amar a verdade quando esta as ilumina, porém tendem a odiá-la quando as confronta”.

Ao transcender essas limitações, a linguagem parece se apresentar como o veículo de manutenção e qualificação do diálogo permanente entre os diferentes, as diversas compreensões e a diversidade que constitui a condição humana. Em nossa hermenêutica, não há, no horizonte do paradigma da ambivalência, um *lócus* privilegiado, absoluto, soberano,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

capaz de efetuar uma síntese universal. Nessa dimensão, o pensamento baumaniano é desconstrutivo, porém, não niilista; e isto pode ser pensado no mundo da educação, no âmbito da solidariedade e no mundo da vida, na compreensão arendtiana (Arendt, 2008, 2013). Nestas relações do mundo que compartilhamos, encontram-se residuais que permitem reconstruções, construções, instituições e instituintes que apresentam, pensam e debatam, não um caminho absoluto/pleno/suficiente, mas possibilidades e necessidades de caminhar/pensar/realizar a crítica constante e, dessa forma, laborar no transcender a oclusão do pensamento e compreender, com mais propriedade, a condição humana e o mundo que partilhamos, porque é o mundo que instituímos.

O mundo que compartilhamos e compreendemos imerso em caos, a própria realidade do labirinto, desesperador para as compreensões sólidas das nossas formações, constituições e instituições, pode, na ambivalência, indicar a urgência de pensar novos horizontes, de agir com vistas a transcendências. Na ótica do paradigma da ambivalência, pensamos que as ações todas, as intenções, as mensagens, os dizeres e os fazeres todos, podem apresentar, igualmente, outros sentidos/intenções/objetivos. Ao velejarmos nas ondas paradigmáticas da ambivalência, Bauman nos inquieta com a necessidade urgente da pergunta permanente, do ato da pergunta contínua. Reavivamos esse perguntar, de modo germinal e ainda mínimo, mas expressão consistente pelo questionamento permanente, pelo perguntar constante, que contém as sementes da ambivalência. Este movimento quer indicar a necessidade do mergulho na realidade.

Não é preciso ir mais a fundo; mas é justamente a imprecisão que destaca a necessidade do vasculhar mais sobre o conjunto, a tessitura das relações todas. Talvez aí estejam as vias plurais. Ambivalência, conforme discutimos, afasta-se das soluções patenteadas, de "remédios" isentos de efeitos colaterais e de movimentos isentos de riscos; ambivalente é necessidade de incerteza, caráter inconclusivo, subdeterminação; é forma nunca satisfatória, portanto, contingente, pois, no pensamento baumaniano, "[...] o transe existencial humano é incuravelmente ambivalente, [...] o bem, está sempre combinado ao mal. É impossível traçar com segurança a linha entre a dose benigna e a venenosa de um remédio para as nossas imperfeições" (Bauman, 1998, p. 104, a partir do pensamento de Canguilhem). Nesta chave de compreensão, ambivalência, é "Convite ao misterioso, à tolerância e à equanimidade; ao inconstante, não inteiramente determinado, compreendido e previsível" (Bauman, 1998, p. 104). É também um convite para a ação individual e coletiva no exercício

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

da construção e instituição constante da sociedade, do mundo e dos objetivos pretendido. O pensamento baumaniano reconhece, igualmente, a precariedade/a estranheza/a pluralidade do mundo e vê nisso uma "qualidade constitutiva da existência" (Bauman, 1999, p. 109). O individualismo, como compreende Singly (2006), pode ser uma expressão do desejo de viver uma vida constituída pelas vontades particulares, com as crenças e decisões pessoais, de buscar nas subjetividades as motivações para a existência e ação a partir desta instância de política da vida. Isto não significa, necessariamente, ruptura dos laços sociais, pode significar liberdade, autonomia.

O HORIZONTE DA EDUCAÇÃO, DO DIÁLOGO E DA SOLIDARIEDADE NA POTÊNCIA DO PARADIGMA AMBIVALENTE/PLURIVALENTE

Debatemos que a comunicação e o diálogo são compreendidos como disposição de, no interior da diferença/do conflito/das oposições ou não, realizar esforço de consensualidades/de entendimentos/de compreensões, não esperando concordância entre participantes, mas esboços de possibilidades instituintes (Cassol, 2020, 2022). A educação, nesse interregno, impregna-se da ambiguidade presente na "modernidade sólida" e na "modernidade líquida" do presente. No entanto, o próprio Bauman visualiza um residual sólido na liquidez e pensa a "solidariedade" como uma possibilidade, a longo prazo, de um caminho em meio a pluralidade de encruzilhadas.

Nesta ótica, consideramos algumas alternativas no modo de pensar a educação e a solidariedade, ilustrando a plurivalência da linguagem/do mundo simbólico e do concreto do mundo real, na potencialidade instituinte do paradigma da ambivalência (Cassol; Pithan da Silva, 2019; Cassol, 2020, 2022). Ao analisar aspectos da realidade brasileira, podemos compreender a educação às sombras do Estado-providência ainda no cultivo/exercício de sua potencialidade regulatória, expressa na metáfora da jardinagem. Vivenciamos a apologia a um discurso superficial e inconsequente de priorização do ensino. Entretanto, no plano concreto da efetivação das políticas educacionais, repercutem ações isoladas, carências profundas de investimentos, iniciativas desconexas e descontextualizadas e a privatização de recursos públicos. Exemplo disso são os gastos elevados com livros didáticos que, muitas vezes, permanecem empilhados em cantos pouco acessíveis das escolas, enquanto alimentam os cofres de grandes editoras e remuneram autores/as contratados/as para pensar a ciência, o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

conhecimento e a pesquisa, em detrimento do fomento à criação, à cognição e à intelecção dos indivíduos. Além disso, vários programas para as escolas, como *Mais Educação*, *Residência Pedagógica*, a atual configuração do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), *Brasil Alfabetizado*, *Escola Que Protege*, *Escola Aberta*, *Escola em Tempo Integral*, *Acompanhamento da Frequência Escolar*, *Brasil Sem Miséria* e *Bolsa Família*, entre outros, são pensados em gabinetes e distantes dos indivíduos aos quais se dirigem, e não repercutem estruturalmente como almejam os indivíduos.

A educação brasileira, nesta lógica, não se desenvolve no âmbito da República, na dimensão política. Ele é centralista e reprodutivista (Bourdieu, Passeron, 1992; Saviani, 2005, 2012, 2015a, 2015b), apesar de objetivar o saneamento de lacunas deixadas pelas salas de aula nos cotidianos das relações pedagógicas. Os programas que referimos, sem grandes repercussões reais e de reduzida efetividade na mobilidade socioeconômica, contraditoriamente, aceitam a docência de profissionais habilitados em várias áreas e de não habilitados pela República. Paralelamente a essa facticidade, as grandes mídias veiculam modelos de vida idealizada, de tendência promíscua e descompromissada, publicidade centrada na potencialidade da satisfação pessoal com fortes apelos visuais. O sistema financeiro, despreocupada e *generosamente*, viabiliza os mais íntimos e os, até então, impossíveis desejos dos indivíduos, e transforma a terra do sofrimento ao vender a ideia de que ela é espaço de plenitude e satisfação.

A ambivalência nos ensina a compreender o mundo como uma questão que precisa estar constantemente na agenda socioeducacional, com o diálogo na pauta principal. Vender cartilhas aos municípios e às redes de ensino para promover o aprendizado às crianças nas escolas, pode ser um modo de matar a vida, a evolução do conhecimento, da formação, da criatividade, da mesma forma que entregar a educação aos organismos internacionais é como comprometer o germe da educação. Entregar às instituições internacionais, descontextualizadas da realidade socioeducacional brasileira, a elaboração das ações educacionais, é produzir e reproduzir o assédio sobre as crianças e a violência sobre a docência, reprimindo a ciência e prorrogando a dependência. Nessa ordem, o poder público é omisso com estas questões que podem assassinar a educação, o ensino, a autonomia e o aprendizado. Como há ambivalência nisto? A Ambivalência se faz presente nas cartilhas: *Alfa Beto*, *Airton Senna*, *Sodré*, *Caminho Suave*, entre outras, na medida em que podem ensinar, mas enriquecem grupos privados, fortalecem o horizonte único do financeiro, reforçam a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

ideologia consumista e o mercado elitista, além de brecar o desenvolvimento da pesquisa, do pensamento, da capacidade e possibilidade de busca tanto de professores/as quanto de estudantes.

Para Pithan da Silva (2015), Bauman, como grande parte do pensamento do século XX, reconhece que é preciso aceitar a incerteza como forma de produção de significados sobre o real. Percebemos que esta questão nos remete às dimensões da política, da ética e da ação. Na compreensão de Pithan da Silva (2015), Fredric Jameson (1985, 2007), pensador crítico da influência do capital sobre a arte, a vida, a educação, os sistemas e sobre os indivíduos e a própria ciência, por sua vez, não nega a incerteza, mas mostra como ela se tornou um sinal dos novos tempos – um tempo achatado, sem futuro, ligado a um nominalismo materialista insustentável. Retornando a Bauman (1999, p. 202), compreendemos que "A universalidade da ausência e do vazio é a única universalidade que existe", porque são infinitas as possibilidades de um mundo indeterminável que se opõe ao mundo racional no qual não há possibilidade de erro, mas nem por isso, em nossa compreensão, abandona a racionalidade. Contudo, inclui como condição das inúmeras possibilidades, o diálogo rico e enriquecido de sentidos e a existência da diversidade (Cassol, 2022). Por isso, é dialético e hermenêutico enquanto avanço para o conhecimento (Stein, 1983). Ambivalência é o espaço do provisório na condição humana, uma espécie de geografia da indecisão. Reforçando o debate, dizemos uma vez mais que "Viver em contingência significa viver sem uma garantia, apenas com uma certeza provisória [...] e isso inclui o efeito emancipatório da solidariedade" (Bauman, 1999, p. 250), os indivíduos constroem, pela sua ação ou inação, o mundo que compartilham. A ambivalência faz emergir a consciência da incerteza e ambiguidade da evidência, onipresença e perseverança da dúvida. Então, o mundo compartilhado, a realidade e os seus sentidos, as objetividades, subjetividades e intersubjetividades, são situações sem quaisquer soluções determináveis, sem opção segura, sem conhecimento irrefletido, sequer, de "como continuar". Aqui se percebe o interregno que Bauman (2011b) busca em Gramsci, de *Cartas do Cárcere*.

As vivências, em uma abordagem transdisciplinar e por procedimentos multidimensionais da ampliação de consciência, visam à construção de um ser humano integral, ético, social e cosmológico em um constante diálogo. Para se chegar a essa nova experiência, recorremos novamente a Gadamer (2001, 2012) que afirma, incansavelmente, a necessidade de nos colocarmos abertos para o novo, para a experiência, para a quebra de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

expectativa. Desse modo, compreendemos que o novo deixaria de sê-lo se não tivesse que se afirmar contra alguma coisa. É nessa encruzilhada que se encontra o "efeito emancipatório da solidariedade" (Bauman, 1999, p. 250), suscitado pelo potencial da educação. Nas palavras de Pithan da Silva (2015), Bauman evidencia essa identidade cambiante ou capaz de oscilar/desenvolver ação pendular com o tempo, sem uma referência única. Então, é possível repensar a pedagogia e a educação com este sentido e, inclusive a própria escola, o sistema nacional de educação e as políticas públicas. Educar para a mudança, é educar para a solidariedade porque assume o enfrentamento com as relações sólidas do mercado consumista e as pregações flexibilizantes da publicidade capitalista. Nossas forças pedagógicas/educacionais nos ajudam a entender que formar para a mudança só é possível a partir da construção de noções e dos conceitos herdados, porém, não limitados a isso.

O desafio de aprender permanentemente parece não poder se colocar sem um alicerce de saberes que possibilitam continuar aprendendo, criando, imaginando, sonhando, desenvolvendo utopias. Cremos que estas possibilidades podem se assegurar por meio do paradigma da ambivalência, do qual também é possível pensar alternativas. O aprender continuamente de Bauman se põe, em nossa interpretação, como ensino/aprendizagem/escola e educação, mundo humano, mundo da cultura. O que pode a educação na relação com a solidariedade, então? Bauman não está distante daquilo que pensa Singly (2006, p. 158), ao indicar que âncoras devem ser lançadas no sentido de "[...] assegurar uma proteção, uma segurança ontológica; permitir a aprendizagem da vida comum; autorizar a aprendizagem da autonomia com a construção de um mundo [...]; fazer o trabalho de tradução e de revelação [...] para que a criança possa vir a ser ela própria". É nesta perspectiva que a educação, visualizada no olho da solidariedade, deve estar fundada em normas heterogêneas e de "Protecção, atenção personalizada, respeito mútuo, e igualdade de oportunidades" porque, deste modo, desenham-se perspectivas para a "vida comum no seio de uma sociedade democrática" e republicana de respeito a cada indivíduo, a sua originalidade e à dignidade humana (Singly, 2006, p. 159).

A educação em Bauman, cremos, insere-se na perspectiva da ambivalência/plurivalência pelo viés do diálogo, na ideia de cultura, de modo que ela é ação cultural (ver, também, Paulo Freire, 2011). A educação enquanto elemento cultural incorpora ambivalência. Assim como a ideia de cultura, enquanto "determinação autodeterminada", replica/pluraliza a "ressonância de sua ambivalência interna com as ambivalências endêmicas

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

da condição moderna" (Bauman, 2012, p. 17), a ideia de educação também degusta desse menu, a ambivalência, a pluralização e o diálogo, porque não foge da seara política. O que se pode perguntar, talvez seja "qual ambiguidade importa"? A resposta vem pelo próprio Bauman (2012, p. 18): "a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o hábitat humano como o 'mundo da cultura', entre 'criatividade' e 'regulação normativa'". Essa chave baumaniana indica pensar na fronteira da ambivalência, a educação e a solidariedade (Cassol, 2020, 2022), de modo que educar não pode estar reduzido a "adaptar as habilidades humanas ao ritmo acelerado da mudança mundial, mas a tornar esse mundo em rápida mudança mais hospitaleiro para a humanidade" (Bauman, 2009, p. 163). E nessa mesma perspectiva, Bauman (2009, p. 162) parece orientar para outro objetivo da educação que se refere à "reconstrução do espaço público [...] onde homens e mulheres possam engajar-se numa tradução contínua dos interesses individuais e comuns, privados e comunais, direitos e deveres".

Desse modo, o que Bauman (2012) está propondo para a cultura pode ser assumido para compreender a educação no horizonte da ambivalência. Para ele, cultura "significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível" (Bauman, 2012, p. 18). Para a educação cabe a ambivalência que se apropria da noção de "ambivalente cultural". A educação nos tempos de razão intérprete, de modernidade líquida, em que a ambivalência se faz paradigmática e as zonas de fronteiras se fazem numerosas e parecem exigir constantes traduções, assume, em Bauman (2012, p. 81), uma aura pedagógica com resíduos da práxis, pois, "a passagem do possível ao real é mediada pela sociedade politicamente organizada, ou seja, pelo fórum de pessoas pensantes e falantes". Tal situação parece mostrar que a educação se encontra nesse campo das possibilidades de articulação, de diálogo, de negociação, "Afinal, conviver, conversar uns com os outros e negociar com sucesso soluções mutuamente satisfatórias para problemas comuns são a norma dessa experiência [a humanidade], não a exceção" (Bauman, 2012, p. 81). Compreendemos, então, nessa relação do paradigma da ambivalência com a educação, a necessidade de não frear as novas gerações e, nelas, a criatividade; antes, possibilitar/ampliar reflexões como atitude cotidiana. Quanto à escola, interpretamos que precisa ser compreendida como espaço do livre pensar, da busca, da ampliação do pensamento, do conhecimento, da crítica e não da oclusão do pensamento.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

PARA A CONTINUIDADE DA REFLEXÃO E DAS POSSIBILIDADES

Diante do que nos parece indicar o paradigma da ambivalência, precisamos desenvolver outra inteligência: perceber o imperceptível, o disfarce como uma realidade concreta. Os tempos líquidos, voláteis em suas reais pretensões, encaminham a necessidade de uma educação para além do físico, do concreto. Parece-nos ser a denúncia de Bauman (2011b) e Jameson (1985, 2007) acerca do que podemos compreender como "espírito do capitalismo" pós-industrial. Perceber as artimanhas, os segredos do sistema (e antecipar-se a ele) é aprendizado fundamental. O mundo e, nele, as ciências e as tradições de pensamento, sempre foi visto como dual, uma espécie de divisão entre o bem e o mal, o correto e o errado. Nesse horizonte, as tradições de pensamento se absolutizam e enfrentam as oposições como batalhas, inimigos a quem se deve, no mínimo, negar e, se possível, exterminar. Esse é o campo maniqueísta da polarização. No ambivalente ocorre o alargamento do campo conceitual, epistêmico e metodológico. A compreensão dualista do mundo, da realidade, da própria condição humana, induz e produz o estático, o imanente, a compreensão restrita, superficial e singular. Na ambivalência, pela amplitude/alargamento dos horizontes, descortinam-se possibilidades.

O esforço, no seu sentido de dedicação/aprofundamento, promove o crescimento/aprendizado não somente do indivíduo/pessoa como também do coletivo. A partilha encaminha, de mãos dadas com o diálogo, a solidariedade e age no sentido de superar os limites de imposições e ditados regulatórios, porque se "O sentido de 'comunidade' é mais baixo nas áreas cercadas" (Bauman, 2011b, p. 194), a liberdade faz-se necessária e urgente como garantia da própria segurança. A pluralidade de pensamentos e a vastidão do conhecimento – e é nesse contexto que atua a educação – tornam mais difícil o bloqueio ao desenvolvimento de terceiras vias, de alternativas e de diferentes formas de compreensão. Desse modo, viver e conviver com o diferente constitui uma possibilidade de aprendizagem e uma necessidade da própria existência.

No paradigma da ambivalência (Cassol; Pithan da Silva, 2019; Cassol, 2020, 2022) a educação para a solidariedade, enquanto instituição a ser desenvolvida continuamente pelos próprios indivíduos, também ensina que "a 'não ação' é tão importante quanto a ação" (Bauman, 2011b, p. 215) e, igualmente, que o "racional" é o "razoável"; o "irracional" é o "irrealista" (Bauman, 1977, p. 151). A rotina é irracional; a crise/a crítica provoca o racional,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

o ascende e o qualifica. Na rotina, há dispensa do argumento, da análise, da busca de fundamentos, de metodologias, de diálogos, de parcerias; a realidade é mantida no costumeiro nível de verdade, pois, dá segurança e confere aparência de tranquilidade, de certeza. A ausência de crise mantém o horizonte do presente, do costume, da tradição, da imanência. Na crise/crítica há a visão do caos e dele a da possibilidade; na crise a emancipação é suscitada como possível porque crise é privação, escassez e, mais do que isso, consciência da limitação, da imanência. A crise promove/provoca/desencadeia a "quebra da ordem" (Bauman, 1977, p. 166) de interpretações, sentidos, controles, costumes e, desse modo, compreender que "o poder na sociedade consiste no monopólio ou privilégio no campo da interpretação dos significados" (Bauman, 1977, p. 167).

São os vínculos humanos com possibilidades de serem reivindicados/buscados/acessados a qualquer momento na comunidade pendular entre a liberdade e a segurança, o que Bauman refere ao lembrar a existência de um constante processo de renegociação. Aí podemos, também, encontrar o Habermas da racionalidade comunicativa, da intersubjetividade e o Castoriadis de um imaginário radical como evento instituinte, não estático e fragmentado, mas dinâmico/imerso na diversidade/plural. É o que vemos na medida que

> […] los seres humanos «viven como egoístas», entregándose plácidamente a su deseo de gratificación instantánea y a los fugaces placeres de los sentidos, gana terreno su propensión a autodestruirse; en contraste, lo que salva a los individuos de su tendencia autodestructiva es el sometimiento a la sociedad (Bauman; Dessal, 2014, p. 42).

Na sociedade se desenvolve a necessidade de sua continuidade, da diversidade/da pluralidade, da primavera das subjetividades, diálogos que sinalizam para a educação como atitude formal e informal dos coletivos e manifestação ou semente da solidariedade.

Nesses tempos líquidos, as relações do mundo partilhado precisam estar ancoradas na arte do diálogo com metodologia pluralizadora, dinâmica do paradigma da ambivalência (Cassol, 2020, 2022). É aí também que situamos a educação, visto que tanto dominar a arte quanto a prática do diálogo não é suficiente para tornar nossa vida mais fácil; mas pode torná-la "mais empolgante e compensadora para nós mesmos, assim como mais útil para os outros seres humanos – e transformar nossas árduas tarefas profissionais numa contínua e interminável viagem de descoberta" (Bauman, 2013, p. 215). Da teoria baumaniana, naquilo

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

que se refere à ambivalência, à dimensão não singular e a sua hermenêutica pluralizadora, decorrem dois tipos/duas categorias/duas dimensões de conhecimento. Uma, em nossa interpretação, epistêmica/científica e outra sociofilosófica. Não se pode pensar aqui em exclusão/predomínio, mas em complementariedade.

A educação, em Bauman, é educação para a vida toda em um mundo incerto, flexível, não sólido. Talvez essa seja a única solidez, saber que tudo flui, é volátil, está aberto a mudança. Estar disposto/pré-disposto/preparado (em preparação) para as incertezas do mundo/da vida pode ser ação da educação que, dessa forma, conduz, para a necessidade do diálogo e nele/com ele, para a solidariedade como o residual sólido possível, no qual seja possível ancorar o barco da existência/do mundo humano. Para onde podemos ir? É questão que vamos respondendo a cada momento, na incerteza e na necessidade, sem saber respostas, na dimensão pendular da segurança e da liberdade. Contudo, para onde vamos, vamos juntos e em consenso/diálogo tomamos/escolhemos a direção, também a cada novo momento. A possibilidade e necessidade de correção de rumos é constante e dessa concretude, advém a também necessária consensualidade/realidade dialógica e aprendizado da solidariedade como atitudes/valores que podem nos manter por mais tempo e em melhores condições no caminho da construção da felicidade.

Intuímos, a partir de Bauman, que a certeza não é absoluta, nem eterna, como apresentava a modernidade racionalista com pretensões universalista, talvez associada ao cientificismo e ao racionalismo cartesiano; contudo não é interessante aos indivíduos abandonar as buscas no sentido de construir alguns pontos de segurança, pois, é deles que surge a possibilidade do exercício da liberdade. Dessa forma, aprendemos que "Estamos chegando à compreensão de que contingência, aleatoriedade, casualidade, ambiguidade e irregularidade não são produtos dos erros ocasionais e em princípio retificáveis, mas características inalienáveis de toda existência; e, portanto, irremovíveis das vidas sociais e individuais dos seres humanos" (Bauman, 2013, p. 125-126). A falência na certeza e na capacidade infinda da razão como a luz para todas as obscuridades produziu o gérmen das ideias alternativas que assumiram o viável como a possibilidade para a condição humana, para o mundo da vida. Então, "por um lado temos o poder que é liberado do controle político e, por outro, temos a política que, incessantemente, sofre o déficit de poder" (Bauman, 2015, s/p), porque "política é local, enquanto, o poder é mundial" (Bauman, 2015, s/p). Contudo, Bauman (2015, s/p) estima que "o século XXI será dedicado à religação de poder e política".

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

A ambivalência não é singular e não radica seu valor monológico no recurso único, antes, é abertura e reconhecimento das múltiplas vias, opções, escolhas e aleatoriedades/transitoriedades, multiplicidades. Assim conduzimos estas reflexões, tematizando a ambivalência e a compreendendo como paradigmática e, desde então, instituinte de uma metodologia pluralizadora, na qual podemos promover encontros dialógicos entre a educação e a solidariedade no horizonte da condição humana (Cassol, 2020, 2022). Porém, nossa proposta "não consiste em criar um campo fechado e monolítico, que poderia resolver todos os problemas da educação, pelo contrário, abrir para o diálogo entre diferentes tradições de pensamento, articulando confluências e ao mesmo tempo exacerbando contradições e ambivalências" (Pithan da Silva, 2017a, s/p). A ambivalência questiona o sentido da palavra, a expressão e reconhece o valor de cada afirmação, de cada mensagem, como elementos válidos na contradição/na refutação e educa nessa ação da crítica e desencadeia a crise que pode emancipar, que pode libertar. Justamente nas oposições, nos paradoxos, nas contribuições, na multiplicidade/pluralidade, ancora-se a necessidade de reconhecimento da diferença e dos elementos das igualdades. Esse nível já consiste na emancipação, na instituição do diálogo (Cassol, 2020, 2022).

Ambivalência é reconhecer o/a outro/a e seu discurso e sabê-lo possível; tão possível quanto a efetividade da narrativa, porém, não absoluto. Então, tudo tem um segundo sentido, outra hermenêutica/interpretação possível, outro modo de fazer e compreender, outro encaminhamento. É também nesse sentido que Bauman, em nossa compreensão, dirige seus últimos escritos, em relação à educação, pois ela precisa passar a operar no sentido da formação "para a mudança da forma de pensar e da forma de vida, com ênfase na satisfação das necessidades e não a satisfação dos consumidores" (Bauman, 2015, s/p). Uma formação para a vida, para o mundo que partilhamos, para o indivíduo e essa práxis envolve a reflexão, a compreensão plural, a ressignificação dos sentidos, o reconhecimento de novas vias.

Pensar a educação e a solidariedade do interior do paradigma da ambivalência (Cassol; Pithan da Silva, 2019; Cassol, 2020, 2022) implica ressignificar os sentidos e conceitos e reorientar a práxis sob as luzes de relações dialógicas, da complexidade, dos paradoxos, das amplitudes e alargamentos possíveis e, imprevisíveis da condição humana. Portanto, parece ser necessário pensar permanentemente as construções/as instituições. Toda a dinâmica da existência/da vida se apresenta com mais de um significado e mais alternativas do que aquelas determinadas pelo Estado-nação, legislador, jardineiro, que ante-via, pré-configurava, as

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

ações, interpretações e caminhos para os indivíduos e para as sociedades, antecipando o que lhes seria benéfico e lhes constituiria *pessoas de bem*, cidadãos úteis, necessários e dignos. Os "construtores", em linhas gerais, sabedores de seus deveres, pautados por uma regulação universal/universalizante, com pretensões igualitárias, padronizadas, seletivas, com grandes dificuldades e/ou desinteressada em assumir o indivíduo a partir dele mesmo, da sua subjetividade. No Estado legislador, o indivíduo serve/tem validade/adquire respeito ao se educar para formar um grande coletivo uniforme, incorpora o padrão moral e se submete à grande verdade ditada por uma hegemonia moral, econômica, científica, social e, desta forma, cultural. Os indivíduos, no Estado-nação legislador, compreendemos, são educados para servir a norma, a regra, aos padrões dados por *experts*, técnicos, que Bauman (2010), de alguma forma, denomina "filósofos".

Nos recentes escritos baumanianos, nos quais a educação e a juventude aparecem tematizadas, a solidariedade assume uma força sintetizadora de residual mais sólido ou consistente para, a longo prazo, compor uma outra ordenação. É o que diz, por exemplo, na expressão "*Let us come together* [Juntemo-nos]" para encontrar a solução (Why The World, 2016; Bauman, 2015). Na compreensão baumaniana, mesmo para a efetividade do consumo, a solidariedade, ainda que diluída na contemporaneidade, parece ser chamada a se fazer presente/ser resgatada e isso se dá mesmo no atual sistema: alguém precisa produzir para que seja criada a possibilidade de consumir. Para Bauman, alhures, esse acontecimento já é indício da subsistência de um gérmen de solidariedade. A partir da hermenêutica pluralizadora e do paradigma da ambivalência, cremos ser possível visualizar um sentido mais crítico-reflexivo e de outra tonalidade para a educação ao reconhecer laços solidários que ainda subsistem entre os indivíduos e os grupos. Para Bauman, a educação pode operar nessa dimensão.

As crises e descaminhos desenvolvidos ao longo da história humana, também necessitam de tempo histórico e pensamento alargado para as possíveis superações. Na mesma medida, transcender as dificuldades e barreiras enfrentadas na atualidade exige esforço pessoal e aprendizado para não abdicar da luta pela segurança e pela liberdade. Assim também a cultura se desenvolve pela ação dos indivíduos e das coletividades. Mas a grande consciência, portanto, o rico aprendizado, parece ser a compreensão que houve e há quebra de vínculos/de laços. Uma espécie de individualização fragilizadora das forças que permitem pensar e viver em liberdade e em segurança. A educação para a/com solidariedade se coloca

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

no contraponto dos vorazes neoliberalismo, ultraliberalismo e capitalismo, e pode operar no desenvolvimento do aprender o sentido moral e ético como compromisso da coletividade, assumido por todos. A educação para a/com solidariedade traça perspectivas de uma consciência da globalidade dos problemas comuns e reconhecimento da incerteza e aleatoriedade dos problemas. Distante da solidariedade, os indivíduos não têm garantias mínimas de liberdade e, tampouco, de segurança (Bauman, 2000; Singly, 2006). Os tempos líquidos nos ensinam e, ao mesmo tempo, exigem responsabilidade por nossas escolhas e opções, bem como atitudes individuais conscientes das redes que nos vinculam. Nesse sentido, a educação para a/com solidariedade pode contribuir para a construção e a consolidação de um pensamento crítico e emancipatório, capaz de distinguir o que é realmente importante e significativo daquilo que é obsceno e volátil.

A ausência de uma educação para a/com solidariedade, ainda que do interior do mundo fragmentado da modernidade líquida, e perplexo com a possibilidade consumista, evidencia a opacidade crítica, a ascensão da oclusão mental e as precarizações do mundo compartilhado, do mundo da ciência, do mundo do trabalho, do mundo da vida. A capacidade do diálogo interpretativo, de forte hermenêutica, pode subsistir na condição humana e se instituir como alternativa à concentração abusiva, à globalização exploradora, à polarização socioeconômica e às voracidades destruidoras do espírito de humanidade. A consciência da presença do outro talvez seja o maior aprendizado, a sementeira da solidariedade, que a realidade e a linguagem ambivalentes podem desenvolver na dinâmica instituinte da educação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2024.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Por uma Sociologia Crítica:** um ensaio sobre Senso Comum e Emancipação. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.

Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes:** sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman:** diálogos com Keith Tester. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais:** desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Gustavo. **El retorno del péndulo:** sobre psicoanálisis y el futuro del mundo líquido. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista concedida a Laura Britt e Petros Panayotídis: seus netos continuarão pagando os 30 anos da orgia consumista. **Monitor Mercantil**, Rio de Janeiro, 20 ago. 2015. Disponível em: https://colunastortas.com.br/zygmunt-bauman-seus-netos-continuarao-pagando-os-30-anos-da-orgia-consumista/. Acesso em: 29 nov. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt Bauman defende que as redes sociais são uma armadilha. **Pplware**, 10 jan. 2016. Disponível em: http://pplware.sapo.pt/informacao/zygmunt-bauman-defende-que-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha/. Acesso em: 10 jan. 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CASSOL, Claudionei Vicente. Ambivalência, solidariedade e educação: entre o indivíduo e o social**. Revista Brasileira de Educação**, [*S.l.*], v. 25, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782019250001. Acesso em: 14 ago. 2024.

CASSOL, Claudionei Vicente. Ambivalência, educação e solidariedade em diálogo: caminhos de formação para a pluralidade. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 68, jan./mar. 2022. DOI: https://doi.org/10.12957/teias.2022.60595. Acesso em: 14 ago. 2024.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

CASSOL, Claudionei Vicente; PITHAN DA SILVA, Sidinei. Ambivalência em perspectiva*:* a questão de um paradigma em gestação no mundo líquido. *In*: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; CONSALTÉR, Evandro (Orgs). **Leituras sobre Zygmunt Bauman e a Educação**. Curitiba: CRV, 2019. p. 37-53.

DÜRKS, Daniel Bardini; PITHAN DA SILVA, Sidinei. Ambivalência, complexidade e conhecimento: Bauman e Morin. **Revista Controvérsia**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./abr. 2014.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Elogio da teoria**. Lisboa: Edições 70, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PITHAN DA SILVA, Sidinei. **Educação, Diferença e Emancipação**. Cadeira desenvolvida no PPGEC/Doutorado, 2015-II. Unijuí, 2015.

PITHAN DA SILVA, Sidinei. **A pesquisa em educação na transição de paradigmas:** tensões e conflitos. Aula inaugural no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, 17 mar. 2017a.

PITHAN DA SILVA, Sidinei. O saber-fazer docente na contemporaneidade. *In*: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA, 6., 2017, Lajeado. **Anais [...]**. Lajeado: Editora Univates, 2017b. p. 11. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/211/pdf_211.pdf. Acesso em: 18 abr. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Planeta, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 10. ed. rev. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. Marxismo, educação e pedagogia. *In*: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas/SP: Autores Associados, 2015a. p. 59-85.

SAVIANI. Dermeval. História, Trabalho e Educação – comentário sobre as controvérsias internas ao campo marxista. *In*: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. (Orgs). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas/SP: Autores Associados, 2015b. p. 167-182.

SINGLY, François de. **Uns com os outros:** quando o individualismo cria laços. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

STEIN, Ernildo. Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em filosofia. **Síntese: Revista de Filosofia**, [*S.l.*], v. 10, n. 29, p. 21-48, 1983. Disponível em: http://periodicos.faje.edu.br/index.php/Sintese/issue/view/184. Acesso em: 18 abr. 2018.

VATTIMO, Gianni. Bauman só podia estar de acordo com um papa como Francisco: entrevista com Stefano Caselli. **IHU On-Line**, São Leopoldo, 11 jan. 2017. Tradução de IHU On-Line. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/563850-bauman-so-podia-estar-de-acordo-com-um-papa-como-francisco-entrevista-com-com-gianni-vattimo. Acesso em: 26 jun. 2017.

WHY THE WORLD fears refugees (Narrated by Zygmunt Bauman). [*S.l.*]: Al Jazeera English, 13 out. 2016. 1 vídeo (2 min 35 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Qlv8pqtTss. Acesso em: 17 out. 2016.

SOBRE O AUTOR

Claudionei Vicente Cassol
Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ, 2018) e Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 2006). É licenciado em Filosofia, História e Psicologia. Atua como docente na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Integra o Grupo Biosofia - Pesquisas e Estudos em Filosofia, da URI/FW, e coordena, em parceria com Claudir Miguel Zuchi, a série *Sapientia Vitae*, da Editora da URI/FW. Realizou Pós-Doutorado em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ (2020) e atualmente realiza Pós-Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), sob supervisão da Profa. Dra. Cláudia Battestin.
E-mail: cassol@uri.edu.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5412, 2026.
Recebido em: 17/07/2026 | Aceito em: 27/08/2026